Guimarães, 25 de junho de 1909

1.º anno—N.º 31

Director e proprietario: P.e GASPAR DA COSTA RORIZ

Administrador: JOSÉ PINHEIRO

Séde da redacção e administração: CENTRO REGENERADOR DE GUIMARÃES
Rua de Val-de-Donas

Composto e impresso na Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão

O REGENERADOR

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS-FEIRAS

GUALTERIANAS

Ha annos houve uma bella iniciativa na Sociedade Martins Sarmento.

Sendo diffiicil aos que visitam Guimarães percorrer todas as fabricas e officinas onde ha tantos productos que honram a industria vimaranense, a direcção daquella Sociedade conseguiu que os mais importantes industriaes da nossa terra fizessem alli uma exposição permanente que foi brilhante no seu principio, mas que desappareceu, se não totalmente, pelo menos numa grande parte. Não sabemos qual o motivo desse desapparecimento. Talvez o facto de não se auferirem daquella exposição resultados immediatos...

Infelizmente, na nossa terra, as mais bellas iniciativas, que no principio despertam enthusiasmos ardentes e dedicações generosas, caem perante o primeiro obstaculo que tanto póde ser um desgosto muitas vezes infantil, como o desleixo inexplicavel que muitas vezes nos atrophia.

Temos ahi á porta a FESTA DA CIDADE. Não seria conveniente pensar-se no modo de tornar essa festa pratica, isto é, juntar o *agradavel* dos adornos e illuminações ao *util* de se tornar Guimarães conhecida no seu commercio, na sua industria e até na sua riqueza em objectos de arte ornamental?

Não poderia conseguir-se no edificio da Sociedade Martins Sarmento uma pequena exposição que seria o preliminar duma outra exposição concelhia que deve realisar-se aqui em 1911, por occasião do 8.º centenario do nascimento de Affonso Henriques?

Pensem nisto os benemeritos promotores das festas gualterianas.

Parece-nos que não será difficil conseguir essa exposição que será de grandes vantagens para o commercio e para a industria vimaranense.

Ridendo...

Lá estive tambem, no domingo, contemplando a suprema gentileza de V.as Ex.as, elegantissimas nas suas *toiletes* primaveris.

Apesar dos meus callos e outros achaques proprios da *estação* que vou atravessando, dei umas voltas no *trottoir* da esplendida praça de D. Affonso Henriques—do ditoso monarcha que é honra e gloria do seu honrado e glorioso berço.

Que bello passeio aquelle, amplo, secco e arejado, onde se respira a longos haustos a viração sádia que nos vem da Penha!

E como V.as Ex.as e eu giravamos ali á vontade, sem as grosseiras e incommodas cotovelladas que se apanham e se dão involuntariamente n'aquelle *canudo* estreito do Toural!

Porque havemos de concordar que o publico, dentro daquella *jaula*, anda contrafeito, incommodado e por vezes arreliado, por isso que, em dias de regular concorrencia, estamos ali como sardinha na canastra.

Eu concordo em que, para namorados que não tenham outra occasião de se aproximarem, o Toural seja um verdadeiro paraizo, porque lá o *encontrão* é inevitavel, a confusão nos grupos estabelece-se *casualmente* e a missiva, vehiculo de protestos ardentes com muita baboseira á mistura, passa de mão para mão com uma facilidade nunca vista.

Mas a par desta convenienciasinha para namorados, que de inconvenientes não tem a *jaula!*

Ora imaginem esta arrelia: V.as Ex.as, ou antes, uma de V.as Ex.as —porque todas seria demasiado— embirra solemnemente com a cara e com este todo do Simplicio, o que não é para admirar, porque tambem pode dar-se o contrario, isto é, ser eu quem embirre solemnissimamente com alguma de V.as Ex.as.

Pois bem, imaginemos que é uma das leitoras que embirra commigo: entra no *canudo* e dá de cara com o carão do Simplicio; faz o primeiro giro e encontra o Simplicio... Segundo giro e Simplicio pela frente! Continua a passeiar e sempre a cara do Simplicio, a cada volta, em intervallos de dois minutos... o Simplicio á direita, o Simplicio á esquerda, até que um encontrão involuntario do Simplicio faz estallar uma tempestade nervosa e a leitora, cheia de tedio e aborrecimento, retira-se, jurando não voltar tão cedo a ouvir a musica!

Nunca lhes aconteceu isto, minhas senhoras? Pois a mim já... e mais não sou lá muito de embirrar com o bello sexo.

Tambem nunca sentiram no Toural a preoccupação que causa a vista das grades? A mim assusta-me a ideia de que a gente não pode sair com a rapidez precisa em caso de sinistro... de um incendio, por exemplo...

Riem-se do disparate?... Pois eu me explico:

Em uma tarde de aperto,
Ia eu, despreoccupado,
Flanando, muito catita (!)
Entre toda aquella gente.
Senão quando... de repente...
Sinto uma coisa exquisita
A furar-me aqui... do lado...
Com tal força e desacerto,
Que me julguei assaltado
A' falsa fé...
Mas não era;
Como depois constatei.

Foi o caso que uma dama,
—Com perdão de Vossellencias—
Alta, magra, muito esguia,
Mais *sécca* que um escalpello,
Pondo em *riste* um cotovello
Na direcção que eu seguia,
Fez-me taes dores e ardencias,
Que estive a cahir na cama,
Com o thorax arrombado!
Por São José...
A' tal *fera*
Uma praga má roguei!

Se, em vez de ser rechonchudo,
Fosse assim um magrizella,
E oppuzesse aos ossos della
Outro osso ponteagudo?!

Estava a ver a faisca
Que do choque resultava,
E a dama incendiava,
Porque... vestidos são *isca!*

Pois não é verdade que assim se podia originar um incendio, o qual incendio, transmittindo-se a muitas *perfeições* de algodão que por ali andam, seria causa de muitas desgraças?

Ah! os perigos nascem debaixo dos pés de uma pessoa...

Por isso,—com franqueza—: eu, se tivesse esposa e filhas, não consentiria que em noites de festa ellas fossem voltear naquelle *becco*, como *feras* em *jaula* apertada!

E penso que muita gente
Tem a minha opinião...
Pois que sempre as mesmas caras
Vejo lá no apertão!

E' certo. Poucas são as senhoras vimaranenses que em tardes de musica apparecem no jardim do Toural.

Será porque não gostam de musica? Acredital-o seria offender V.as Ex.as, porque quem não gosta de flores e de musica é... é... uma coisa que eu cá sei, mas que não digo!

Ora, sendo V.as Ex.as Senhoras de fina educação e portanto Senhoras de gosto delicado, teem, forçosamente, paixão pela musica e, se não vão ás quintas e domingos ao Toural, não será porque prefiram rezar o terço a essa hora...

E' porque os papás... eu digo
Aqui muito á puridade,
Sabem bem o que fizeram,
No tempo da mocidade!

E agora... já se deixa ver: *Em casa é que se está bem!*—dizem elles, de testa franzida, fingindo-se zangados.

E, francamente, repito,
Eu tambem assim faria!
Filha minha em apertões...
Nada, nada! Não cahia!

Mas isto que digo tem só applicação ao Toural, que é um passeio acanhado, humido, feio e improprio.

E' minha convicção que, se o coreto que está no Toural fosse collocado na praça de D. Affonso Henriques, vasta, alegre e hygienica, muitas familias que não frequentam o canudo com medo das pneumonias e dos encontrões involuntarios e propositados, concorreriam alem por haver lá espaço para se passear e conversar livremente, sem impertinencias que irritam e grosserias que enojam.

Não será isto verdade?

Façam isto que lhes digo,
O' senhores camaristas:
Tirem da *jaula* o coreto!
E, se concordam commigo,
Façam lá um *velodromo*
P'ra corridas de cyclistas.

Haveria ali apostas,
Trambulhões, *pinhas* partidas,
Amolgadellas nas costas,
E mais coisas divertidas...

Mas o jardim, o passeio,
Passe a ser na vasta praça
D'Affonso por appellido.
Toda a gente, assim o creio,
Louvará tão *bello gesto*
Do Senado que tal faça!...

Pensarão as minhas gentis leitoras que a *embirração* que tenho com o Toural é motivada por esta rotundidade da minha pessôa, que precisa de muito espaço...

Não é. Eu pareço assim, mas sou muito elastico! Se não fosse amar tanto a elegancia *alpoinistica* do meu rico abdomen, reduziria tanto o meu volume... que seria capaz de caber na batina do snr. conego José Maria!

Bastava-me jejuar, beber vinagre e usar espartilho...

Mas não quero. Assim gordinho,
Coradinho e anafado,
Dou ares de *brazileiro*
Barrigudo... e *risca ao lado!*

Quando bem encasacado,
Passo, muito prasenteiro,
Não teem já reparado,
Que pareço um Conselheiro?

E' assim que muito góso,
Creiam Vossas Excellencias...
Porque todos neste mundo
Vivemos das apparencias!

Já meu avô... Deus o tenha...
Que era homem de talento,
Dizia:—por fóra luxo,
Por dentro... pão bolorento!...

Isto não é uma allusão, nem coisa que o pareça. Eu não faço allusões que magoem, como, infelizmente, alguma gente pensa.

E' preciso que V.as Ex.as saibam que tenho um temperamento exquisito. Só estou bem quando estou a rir.

Ha muito quem se embriague para esquecer desgostos. Eu tenho tantos e tão grandes, que precisaria estar sempre embriagado!

Como gosto pouco de vinho, entrego-me á embriaguez do riso.

Rio de tudo e com todos; quando não tenho de que rir, ólho para mim mesmo e desato ás gargalhadas!

Admiram-se?

Pois a verdade é que todos temos alguma coisa de que os outros se possam rir; se cada um de nós olhar, com olhos de ver, para dentro de si mesmo, ha de encontrar o maldito *ridiculo* congenito da humanidade.

Jupiter imposuit nobis duas péras!

Mas digam-me: perceberam alguma coisa dos alinhavos desta chronica? Encontraram-lhe alguma gracinha?

Nem eu!

Simplicio.

PERFIL

Estatura meã, cara de lua plena
Ornada de «pharóes», que espargem viva luz.
Commissura de frade, em que desliza a flux
A «verve» que faz rir ou a conversa amena!

Na tribuna agrada, então, é um portento:
A phrase burilada e o fulgor da imagem
São como chuva de oiro em lucida folhagem,
Que causa triste pranto ou doce arroubamento.

Repentista feliz em rima e agudeza,
Verseja como falla. Uma caudal de lux!
Espirito arguto, inventa, faz, produz,
Desde o hymno da «terra» á «marcha milaneza»!

Quem ha que não conheça o nosso perfilado?
Em constante vae-vem, não pára um só momento!
Moureja pela vida e tem um nobre intento:
Ser irmão extremoso e filho dedicado!

Simplicio.

SANEANDO...

II

Segunda carta a um vereador da camara municipal de Guimarães

Ex.mo Snr.

Tenha paciencia.

Como desconheço ainda se V.a Ex.a concorda ou não com as opiniões expostas na primeira carta que lhe dirigi, volto ao assumpto convencido de que alguma utilidade resultará das minhas palavras. Vou ver se consigo levar ao espirito de V.a Ex.a, e dalgum provavel leitor, a convicção segura de que se favorece extraordinariamente o contagio da tuberculose desde que se mantenha o costume nocivo de se fazer o serviço da limpeza das ruas da cidade como até aqui se tem feito.

Muitas doenças ha que se propagam por intermedio do ar que respiramos, mas, d'entre todas, a tuberculose é a que mais facilmente se aproveita dessa circumstancia que nós tão bem poderiamos evitar.

Porque é preciso que V.a Ex.a saiba que a lucta contra a tuberculose não pode ser obra d'alguns; para ser efficaz necessita do esforço simultaneo de todos.

Repare V.a Ex.a com toda a attenção no que lhe passo a relatar. Estabeleçamos a hypothese de podermos vêr claramente a marcha do bacillo de Koch, desde que é expelido num escarro dum tuberculoso, que para a rua o lança descuidadamente. V.a Ex.a tem ouvido fallar no bacillo de Koch? Naturalmente não ignora que em 1882 um illustre allemão, Robert Koch, revelou ao mundo scientifico a existencia dum bacillo proprio da tuberculose, bacillo, que installado num pulmão, se reproduz aos milhões dentro de pouco

tempo. Pois este bacillo, lançado assim á rua, tem uma marcha interessante. Vejamos. O escarro secca. Com o vento ou com o *humanitario* auxilio das vassouras municipaes, ás ordens de V.ª Ex.ª, o bacillo, agregando-se ao grande batalhão de microbios em suspenção no ar, vae caminhando á feição do vento e (já agora sigamos um só aspecto da sua marcha) num segundo entra, atravez dos nossos orgãos respiratorios, para um pulmão. Começa então a lucta, a batalha gigantesca, de que o corpo humano é o campo.

Porque, deixe-me dizer-lhe, ex.mo snr., a nossa vida organica, como a vida social, é uma verdadeira batalha, é uma eterna lucta de elementos adversarios, difficilmente conciliaveis.

Installado o bacillo no pulmão, começa a sua marcha descendente por todo o orgão e dentro em pouco, travada a batalha com o verdadeiro corpo de salvação que lá existe, decide-se o seu resultado. Se vencem os globulos circulatorios (phagocitas), morre o bacillo; se este vence, principia o individuo a caminhar para a sua desagregação organica, obedecendo, é claro, ás leis biologicas invariaveis.

Durante um espaço de tempo que decorre desde o triumpho amplo do bacillo até á morte do individuo, este, na expectoração natural, expelle innumeros escarros que vão repetir exactamente o mesmo acto de nocividade que acabo de expôr. Como V.ª Ex.ª vê, para se ter uma noção do que seja a tuberculose como doença contagiosa, não é preciso ser medico. Basta um pouco de conhecimento das coisas geraes da vida para comprehendermos que muito podemos fazer para evitar que a tuberculose se propague.

Como V.ª Ex.ª deve perceber, ha individuos com predisposições para a tuberculose.

Ha outros que resistem a toda a infecção. Os alcoolicos, os syphiliticos, estam no primeiro plano da candidatura á tuberculose. Eu desejava vêr estas affirmações contestadas com provas absolutamente indiscutiveis.

Infelizmente, Ex.mo Snr., não succede assim. Temos ainda um ataque grippal, uma pneumonia, uma anemia positiva, para favorecer o desenvolvimento do bacillo Koch.

Terei eu explicado bem o que pretendo? Estará V.ª Ex.ª convencido do quanto fui justo nas palavras da minha primeira carta?

Se alguem, ou mesmo V.ª Ex.ª, contestar o que deixo exposto, com grande prazer mental apreciarei os argumentos apresentados por quem quer que seja. Desculpe-me V.ª Ex.ª se algum tempo lhe roubei á actividade com que dirige a sua casa commercial, mas um fim altamente utilitario — a saude dos nossos semelhantes — quiz attingir com estas cartas. Assim V.ª Ex.ª conscientemente, tolerantemente e com serenidade, acolha estas opiniões que deixo expostas, para que a saude publica desta cidade melhore sempre o mais possivel, pois estou convencido de que, estabelecido o precedente, vereador nenhum ousará alterar regressivamente as ordens que V.ª Ex.ª dér sobre o serviço da limpeza das ruas.

Julgamos ter feito, com estas cartas, obra de sanidade phisica, esperando tambem agora em outras que se lhes seguirão fazer obra de sanidade moral, visto que a obrigação de todos nós, os que possuimos o verdadeiro sentimento de solidariedade, é esforçarmonos por contribuir sempre para a regeneração do corpo social de que fazemos parte.

Junho 1909.

De V. Ex.ª

R. P.

Gazetilha

Boas-festas, meus leitores!
Tenham feliz consoada
Com mexido e rabanada,
Com bom fogo na lareira.
Jogae o *rapa* em familia
Comprae pinhas e pinhões...
Evitae constipações
Com vinho da garrafeira...

Tende um *Natal* venturoso...
Mas que digo?!.. Estou sonhando!..
Dar as *boas-festas*, quando
Se festeja o S. João?!..
Qual o motivo do engano?
Ah! já sei: um frio tal
Faz-nos lembrar o *Natal*...
Parece inverno este verão.

Não dou, pois, as *boas-festas*,
Mas venho dar parabens
A' gente de Guimarães,
E peço que m'os acceite:
A nossa camara quer
Comprar para todo o anno
A cascata do *Luciano*
Feita na *praça do leite*...

Bella ideia, não ha duvida!
Ramagens verdes e bellas
Sobre as casas amarellas
Devem dar um lindo effeito.
Bravo! Bravo! Muito bem!
Eia! Camara, caminha!
Aquillo assim não convinha;
Não tinha graça, nem geito...

Pode ser que alguem não goste...
Ha gente que pensa á tôa...
Mas que a ideia é muito boa,
Acho que é; oh! isso acho!..
Daqui a duzentos annos,
Se tivermos a ventura
De alargar a rua Escura,
Bota-se a cascata abaixo...

Tlim.

Chronicas Vimaranenses

Um dos dias que eu hei-de considerar dos mais felizes da minha vida será aquelle em que tiver a ventura e a honra de vêr realisada a promessa, que me fez o meu querido amigo e glorioso condiscipulo Padre Himalaya, de vir fazer uma conferencia no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento.

A promessa está feita e ratificada; espera-se apenas a opportunidade.

Emquanto não chega esse dia, eu desejo archivar nestas *chronicas* as manifestações do talento do illustre sabio, a quem alguns dos seus compatriotas pretendem deprimir para seguirem o *louvavel* costume de se depreciar tudo o que seja portuguez, embora se curvem respeitosos perante muitas nullidades que tenham a etiqueta estrangeira.

Os meus leitores talvez já tenham conhecimento duma carta dirigida pelo Padre Himalaya ao redactor dum jornal diario de Lisboa; mas não lhes será desagradavel possuir esse documento do saber, da probidade scientifica e da modestia do illustre sabio portuguez, na collecção do nosso modesto semanario. Por isso vou darlhe aqui publicidade, fazendo-a anteceder destoutra que a provocou:

«Snr. redactor do «Mundo»

Na «Revista Minera» de Madrid, no numero de 16 de maio ultimo, encontra-se um artigo com o titulo *Terremotos y aguas*, que julgava escripto pelo snr. padre Himalaya, mas, com surpreza, encontra-se no fim assignado por *Pablo Fabrega*. Expõe-se nesse artigo uma theoria, que parece ser a do snr. Himalaya, sobre a acção do vapor de agua na producção dos tremores de terra. Seria conveniente, para gloria da sciencia nacional, que o snr. padre Himalaya reclamasse a prioridade da descoberta ou então expuzesse aos seus admiradores como julga explicavel que a sua vaporosa theoria surgisse primeiro em Hespanha do que no seu espirito. O artigo em questão vem datado de Granada em 25 de abril, dois dias depois do tremor de terra.

Um conductor de minas republicano e curioso.»

Resposta do Padre Himalaya:

«Snr. redactor do «Mundo»

Acabo de receber de um amavel ou ironico correspondente um exemplar do «Mundo» de hontem, chamando a minha attenção sobre a carta intitulada *Questões Scientificas* e perguntando-me se tenho a fazer alguma declaração.

Tenho, e é bem simples:

A opinião, aliás modesta e despretenciosa, de que os terremotos são produzidos pelo vapor de agua, tem raizes antigas, modernas e actuaes.

As raizes antigas tiveram a sua origem na mente de Séneca (o philosopho).

As raizes modernas derivam dos trabalhos de geologia experimental e das deducções a que chegou A. Daubrée.

As raizes actuaes irromperam dos pobrissimos trabalhos que consegui levar a cabo, procedendo ao estudo e á fusão das rochas suppostas refractarias, no fóco dos apparelhos solares que pessoas benemeritas da Sciencia se dignaram proporcionar-me. Séneca, depois de discutir as opiniões de Aristoteles, Theophrasto, Thales de Mileto, Democrito, Epicuro, Anaximenes, Anaxagoras e outros philosophos gregos, disse que a causa dos terremotos não era o fogo nem a agua mas sim o ar, «que é naturalmente rapido e movel, e que, não podendo escapar-se, abala as montanhas até ao ponto de as fender, tanto mais profundamente quanto mais prolongada fôr a lucta. Nao ha coisa alguma que possa conter a força do ar represado.» (1)

E' evidente que Séneca, se tivesse a ventura de começar o ciclo da sua existencia no *seculo do vapor*, e se lhe fosse dado observar e medir as pressões prodigiosas que o vapor de agua póde desenvolver e os phenomenos mechanicos, de que póde tornar-se o agente, sobretudo quando a agua que lhe dá origem é fortemente aquecida e comprimida, teria visto claramente que a causa nos terremotos só póde ser o vapor de agua, sobreaquecida e comprimida nas cavidades profundas da crosta da terra.

A. Daubrée, um dos introductores do methodo experimental em geologia, não só pensou mas demonstrou com fortes razões e factos derivados da experiencia, que a causa de muitos tremores de terra póde ser o vapor da agua.

O obscuro signatario destas linhas assistiu com magua ao quasi abandono dos trabalhos de G. A. Daubrée, depois da sua morte, isto é, depois de 1896.

Pouco antes dessa epoca, levantou-se no ceu da Geologia um astro de primeira grandeza, Ed. Suess, professor de Geologia na Universidade de Vienna, o qual, com a luz da sua obra *Das Antlitz der Erde* (A face da terra) eclipsou todos os geologos que o precederam.

Suess é mais um observador e um systhematisador de tudo quanto se vae descobrindo relativamente á face da terra do que um analysta dos phenomenos que se passaram e se estão ainda passando no interior deste formidavel laboratorio, que é a massa inteira deste planeta.

Suess quasi só viu e só ligou importancia ás acções mechanicas e da gravidade, alliadas aos phenomenos de contracção e dilatação termica.

Só com essas acções comprehendeu e explicou os mil accidentes da estructura da crosta terrestre.

Reconhecendo os meritos incontestaveis de Suess como geologo descriptivo, devo confessar que desde longe acho a orientação de Daubrée muito mais conforme com as leis da chimica, que são, pelo menos, tão antigas, tão constantes e tão potentes, como as leis da mechanica e da termo-dynamica.

Quererá isto dizer que as modestas opiniões que expandi são as de Daubrée?

De forma alguma.

Basta ler o rapido extracto da conferencia que fiz na Sociedade de Geographia no dia 8 de junho corrente, na qual synthetisei o que já tinha dito na Academia de Sciencias de Portugal, nos dias 27 de abril e 11 de maio ultimos, para se ficar certo de que essas opiniões são a resultante, não de um palpite ou de uma leitura de qualquer livro, mas sim de um trabalho de observação, reflexão e experiencia, que data de ha muitos annos.

São estas as raizes actuaes da theoria que attribue a causa dos vulcões, e dos terremotos, ao vapor de agua sobreaquecido e comprimido entre as camadas profundas e impermiaveis da crosta da terra.

Não conheço a «Revista Minera», de Madrid, nem sei onde encontral-a, e, por isso, ignoro o que lá possa estar escripto ácerca da causa dos vulcões e dos terremotos.

Como esse numero saiu a 16 de maio e como eu apresentei á Academia duas communicações, que foram discutidas a 27 de abril e a 11 de maio, como póde vêr-se pelo extracto das sessões, publicado nos jornaes, incluindo o «Mundo», de 29 de abril e 13 de maio, é claro que a *vaporosa theoria* só appareceu em Hespanha depois de já ser adulta em Portugal, pois já contava 20 dias de edade.

Se o escriptor hespanhol plagiou o humilde trabalhador portuguez, ou se o portuguez apresentou a resultante dos seus trabalhos de toda a vida e o hespanhol fez outro tanto ou emittiu uma simples opinião, ignoro-o.

Ao auctor da carta do «Mundo» rogo a fineza de me enviar a citada «Revista Minera», e agradeço-lhe o interesse que manifesta pela ideia que algo tem de portugueza.

Para concluir, devo dizer que é esta a primeira vez, e tenciono que seja uma das ultimas, em que venho dar uma satisfação ao publico por via da imprensa.

Algumas pessoas, levadas pelos extremos da sua bondade e carinho patriotico, exageram o alcance dos pobres trabalhos que, a custo, consegui levar a effeito.

Isso creou-me uma situação penosa e insustentavel.

Eu não sou mais do que um simples mortal, como toda a gente.

E se alguem quer vêr na minha desvaliosa pessoa alguma coisa mais, resignar-me-hei a concordar que seja um apologista da independencia e do prestigio nacional.

Isto quer dizer que considero a nação portugueza escravisada ao estrangeiro e portanto aviltada. A escravidão das nações não consiste sómente em obedecer ás hostes de outros paizes; consiste principalmente em pensar e sentir como pensa e sente o estrangeiro; em abdicar de todos os direitos de iniciativa scientifica, litteraria, artistica, industrial e social e ficar indignamente em adoração diante do que é estrangeiro. Estou convencido de que a raça portugueza, no dia em que seja convenientemente educada e instruida, ha de ter, pelo menos, tanto valor na sciencia, na arte, na industria e em todos os campos da actividade humana como qualquer outro povo que hoje marcha na vanguarda da civilisação.

Na medida do meu nada, quiz dar um exemplo do que póde a boa vontade, mesmo que ella não encontre ao seu dispôr nem talento, nem meios de acção. Este foi e continuará a ser o meu crime. Que cada um o castigue como entender.

Lisboa, 15 de junho de 1909.

Padre M. A. G. Himalaya.»

Como unico commentario a este precioso documento quero apenas dizer que o Padre Himalaya é exageradamente modesto, quando escreve: «Algumas pessoas, levadas pelos extremos da sua bondade e carinho patriotico, exageraram o alcance dos pobres trabalhos que, a custo, consegui levar a effeito».

Isto é muito respeitavel, mas menos verdadeiro, pois que os trabalhos scientificos do Padre Himalaya são dum alto valor como o provam os premios que lhe foram conferidos na exposição de S. Luiz e a consideração que lá lhe era tributada pelos sabios de todo o mundo.

Só aqui, na propria patria, é que ha *conductores de minas republicanos e curiosos* que estampam a calumnia na primeira pagina dum jornal de larga circulação e mandam para a terceira a justificação primorosa de quem, á custa de muitos trabalhos e sacrificios, tanto tem honrado o nome portuguez.

O fanatismo politico!...

ROMEIRO.

(1) Traducção livre de uma citação de A. Daubrée — *Les Regions Invisibles du Globe*, Paris, 1892.

?---

Temos recebido um sem numero de cartas e bilhetes postaes perguntando-nos quem será a pessoa alvejada no perfil perfilhado por Airam.

Pedimos a fineza de não nos importunarem mais com taes perguntas, pois que, muito embora não deva ser agradavel para ninguem declarar publicamente a sua ignorancia, no caso presente não podemos deixar de confessar que tambem não sabemos.

Encadernar qualquer titular de Guimarães nas boas qualidades que o illustre escriptor Airam attribue ao seu perfilado é tarefa bem facil, porque felizmente a nossa terra ainda não foi invadida por essa casta de nobreza obtida simplesmente á custa do pagamento dos direitos de mercê.

Até aqui o accôrdo é unanime, apesar do exageramento de lhe escrever o pronome com lettra maiuscula.

As duvidas começam só ao lêrse o principio do ultimo periodo: *Chefe local, dum partido politico, o nobre titular... etc.*

Quem será? perguntam de todos os lados.

Titulares com bellissimo caracter, correcção impeccavel no trato, intelligencia robusta, amantes dos progressos da sua terra, etc., etc., temos este, aquelle, aquel-outro, todos emfim... Mas titular chefe de partido aqui ou noutra terra não conhecemos.

Alguem do lado nos segreda: mas pode ser que haja algum que tenha vontade de o ser?

Sim... haverá, mas... do querer ao ser vae muita differença e o snr. Airam canonisa-o definitivamente como negocio liquidado...

Seja, porém, quem fôr, nós é que não o sabemos.

Dirijam-se ao snr. Airam e elle que os informe, se quizer. A nossa opinião é de que, cá na terra, titular e chefe de partido... *no hay.*

X.

Echos da Sociedade

Natalicios

«O Regenerador» envia os seus parabens ás ex.mas damas e cavalheiros que fazem annos, nos seguintes dias do mez de

JUNHO

SENHORAS

Dia 27—D. Ignacia da Costa Freitas Novaes.
» 28—D. Maria Benedicta Correia Leite d'Almada (Azenha).
» 29—D. Philomena Martins de Queiroz.
» 30—D. Amelia da Conceição Costa.

JULHO

Dia 2—D. Anna da Conceição Ribeiro.

JUNHO

HOMENS

Dia 28—José R. Leite da Silva.
» 29—Padre Antonio Augusto Monteiro.
» »—Joaquim de Sousa Dias.

*

Fez annos no dia 20 do corrente a snr.ª D. Maria Ferreira d'Oliveira, esposa do nosso amigo, snr. José Pinto Pereira d'Oliveira, conceituado negociante d'esta cidade.

*

Estiveram nesta cidade, onde vieram buscar uma linda taça de prata offerecida por um grupo de senhoras vimaranenses para o torneio de tiros aos pombos que devia realisar-se em Braga nos dias 23 e 24 do corrente, os dignos membros do Club de Caçadores daquella cidade e nossos amigos, snrs. Dr. J. Antunes Guimarães, José Antonio Monteiro Vieira Marques, Ernesto Fernandes e Manuel Salgado Zenha.

*

Afim de assistirem á festa dos *antigos* no acreditado collegio do Espirito Santo, de Braga, estiveram alli, no passado domingo, os nossos conterraneos, snrs. Antonio de Freitas Ribeiro, Dr. Henrique Cardoso e João Cardoso (Margaride) e João Antonio Affonso Barbosa.

*

De visita a sua ex.ma familia, encontra-se nesta cidade a snr.ª D. Maria Antonia Basto Cardoso, esposa do nosso conterraneo, snr. Raul Cardoso, escrivão de direito em Lourenço Marques, e cunhada dos nossos amigos, snrs. Abel Cardoso e Antonio Infante.

Noticiario

Grupo de propaganda «Por Guimarães»

Reuniu extraordinariamente este grupo na noite de 19 do corrente em casa do snr. Antonio Luiz da Silva Dantas. Depois da sessão ordinaria, presidida pelo snr. Alberto Cezar, em que se trataram differentes assumptos, principiou a sessão extraordinaria a que presidiu o snr. João de Mello, digno socio honorario, secretariado pelo socios honorarios, snrs. José de Pina e rev. Gaspar Roriz.

Pelo snr. presidente foram feitas declarações de applauso e affirmações de estimulo ás intenções do Grupo de propaganda «Por Guimarães», que foram acolhidas com calorosos applausos.

Um dos assistentes fez affirmações semelhantes ás do snr. João de Mello e accrescentou que o Grupo nunca deveria desanimar; que esperasse contrariedades e desgostos, mas que estivesse sempre disposto a vencer aquellas e a soffrer resignadamente estes.

O Grupo resolveu tomar parte na batalha das flores nas festas gualterianas e publicar um numero unico, commemorativo dessas festas, contando para isso com uma distincta collaboração.

*

Pelo snr. Annibal Vasco Leão foi offerecido ao Grupo de Propaganda «Por Guimarães» uma marcha intitulada—**«Por Guimarães»**—que será executada pela primeira vez nas proximas festas gualterianas.

Club de caçadores

Esta florescente agremiação vimaranense, composta de generosos rapazes que procuram um honesto passa-tempo, em que possam entreter o espirito, vae produzindo bons resultados na repressão de abusos que estão constantemente a dar-se, filhos, umas vezes, da ignorancia, e muitas vezes do vandalismo estupido de gente pessimamente educada.

Ha dias appareceram á venda, nesta cidade, 6 coelhos e 4 codornizes da creação nova, que foram aprehendidos e admoestados os transgressores que, por serem de menor idade, não foram entregues ao poder judicial.

Continue o Club de Caçadores de Guimarães a reprimir esses vandalismos e, quando os transgressores sejam menores, procurem os mandatarios e applique-lhes os artigos do codigo...

O S. João

O paganismo em acção, a pedinchice nas ruas, a obscenidade nas cantigas e o tedio nas almas...

Chama-se a isto o S. João!..

Afinal, nem é S. João nem é nada—uma léria que deveria terminar para honra e gloria nossa...

*

Foi uma excepção honrosa o festival levado a effeito na rua de Gil Vicente, por um grupo de briosos rapazes, composto dos snrs. Augusto Alves Ferreira, Antonio Dantas Junior, Joaquim de Sousa Neves, Luiz Filippe Teixeira e Domingos Alves Ferreira.

A rua estava bellamente illuminada, tocando durante o festival a banda de infantaria n.º 20.

Muita gente, que tornava difficil o transito naquella rua, accorreu a gozar a explendida illuminação e a admirar a linda *cascata* illuminada a acetylene, onde se ostentava a imagem do Santo Precursor.

Houve basar de prendas apregoado pelo celebre *Ignacio Rijão*.

Na nossa redacção

Temos recebido cartas de incitamento a R. P., o nosso illustre collaborador do *Saneando*..., animando-o na sua obra patriotica; e cartas e muitos bilhetes postaes a *Simplicio*, o illustrado auctor do *Ridendo*...

Recebemos tambem um ***Ultimatum***... mas isto fica para conversa particular; e só virá a publico se a força das circumstancias a isso obrigarem...

A' bon entendeur...

S. Torquato

Tudo se prepara para que esta romaria, que é incontestavelmente a maior do Minho, exceda no presente anno em brilhantismo as que se tem realisado nos annos transactos.

Um dos numeros, que mais devem despertar a attenção dos forasteiros, é o fogo no arraial nocturno do dia 4, parte do qual foi encommendado aos afamados pyrotechnicos Alberto da Costa & Filhos, da Barca, que trazem um foguete que peza **15 kilos !!!**

Deve ser um...horror!

O espolio do Jacintho Fernandes

Na passada segunda-feira, quando a creada do nosso amigo, snr. Silvino Aguiar, apanhava carvão para serviços de cosinha no sitio onde estava este combustivel, que era o quarto do fallecido Jacintho Fernandes, appareceu numa caixa de folha o espolio do mesmo.

O snr. Silvino Aguiar, ao ter conhecimento deste facto, chamou testemunhas e participou-o á auctoridade administrativa que immediatamente compareceu.

Congratulamo-nos com isto e continuamos a affirmar o nosso desejo de que tudo se esclareça de forma que as suspeitas que pezam sobre as pessoas indigitadas como criminosas desappareçam completamente.

Nova Philarmonica Vimaranense

No certamen musical realisado em Braga nas festas Joaninas foi conferido o primeiro premio á Nova Philarmonica Vimaranense, desta cidade.

Scena indecorosa

Na passada sexta-feira, pelas 6 horas da tarde, deu-se uma scena repugnante na *garage* do snr. Cosme, á rua de Val-de-Donas—um caso de tentativa de estupro que toma as proporções duma selvageria que merece ser punida com todo o rigor da lei.

O caso está entregue á auctoridade e é de esperar que se dê um exemplo para que factos semilhantes não se repitam nesta terra que, tendo um povo naturalmente bondoso, soffre duma falta de educação que é a causa primaria de muitos acontecimentos que nos envergonham.

Atelier photographico

Acha-se installado nesta cidade mais um atelier photographico sob a firma Roriz & Irmão.

Já vimos alguns trabalhos e achamo-los perfeitissimos. Dentre estes um bello retracto do rev. Francisco Lima, capellão da Casa Real, que muito honra o novo photographo, snr. Domingos Roriz.

Quem quizer encarregar este artista dalgum trabalho dirija-se a Francisco Roriz, Tabacaria Freitas—Toural.

Silhuetas

Encontra-se nesta cidade o snr. Ramón Gastambide, distincto *silhuetista*.

Quem quizer um perfil *negro, negro, como os gentios da Guiné;* e com a similhança que é possivel nesta ordem de trabalhos, pode consegui-lo no Café Fernandes, á rua da Rainha.

Mercado

No mercadode de 12 junho corrente venderam-se os generos pelos preços seguintes:

Trigo	1$000
Centeio	650
Milho alvo . . .	820
Milhão branco . .	830
» amarello .	800
Feijão vermelho .	1$250
» branco . .	1$400
» amarello .	1$050
» rajado . .	960
» fradinho .	800
Vinho tinto. . .	550
Aguardente. . .	3$000
Azeite	6$000
Batatas	500
Ovos, duzia . .	150
Gallinhas, uma. .	650

Saude

—

O AR

E' um facto conhecido que os animaes que respiram não podem viver senão um tempo limitado, numa dada quantidade de ar. Bem depressa elles enfraquecem e caem em somnolencia. Esse somno, a principio socegado, é seguido de uma grande agitação; a respiração torna-se difficil e accelerada e os animaes morrem em convulsões.

Tem-se observado que um homem não pode viver mais de uma hora, num volume de ar de 1 metro cubico e 638 litros.

Visto que o ar não pode alimentar senão durante um certo tempo a vida dos animaes que o respiram; visto que elle se vae alterando á medida que é respirado; pode-se concluir que a salubridade do ar deve ser mais ou menos prejudicada, nas salas de espectaculo, nas assembleias publicas, nas salas de hospitaes, em todos os logares em que um grande numero de pessoas se reunem, principalmente se o ar ahi circula lenta e difficilmente.

E' caso de nos assustarmos ao pensar que, numa assembleia numerosa, o ar que cada individuo respira passou e repassou, todo ou parte, pelos pulmões de todos os assistentes e que por isso ficou sobrecarregado com exhalações mais ou menos putridas. Até que ponto differem ellas de individuo para individuo, na velhice, na infancia, na saude, na doença? Quaes sam as doenças que contagiam por esse processo? Que precauções devemos adoptar para destruir a influencia nociva dessas emanações?

O exame de cada uma destas interrogações, de importancia evidente, deve dar pasto e cuidado á experiencia.

Todas as artes marcham rapidamente para a perfeição; mas a de viver em sociedade, a de manter a saude no meio de grande numero de pessoas reunidas, de tornar as cidades salubres, e o contagio difficil, está ainda na sua infancia.

Lavoisier.

Caminho de Ferro de Guimarães

Horario dos comboios desde 20 de Maio de 1909

Comboios descendentes

N.º 2-bis—Mixto—Mercadorias—Diario—Parte de Fafe ás 3-25 da manhã e chega a Guimarães ás 4-19. Parte de Guimarães ás 4-27 e chega á Trofa ás 5-54.

N.º 2—Mixto—Mercadorias—Diario—Parte de Fafe ás 4-36 da manhã e chega a Guimarães ás 5-32. Parte de Guimarães ás 5-40 e chega á Trofa ás 7-9.

N.º 12—Rapido—Dias uteis—Parte de Guimarães ás 7-37 da manhã e chega á Trofa ás 8-51.

N.º 4—Mixto—Mercadorias—Diario—Parte de Fafe ás 9-15 da manhã e chega a Guimarães ás 10-10. Parte de Guimarães ás 10-17 e chega á Trofa ás 11-45.

N.º 14—Mixto—Mercadorias—Dias uteis—Parte de Guimarães ás 3 da tarde e chega á Trofa ás 4-44.

N.º 6—Correio—Diario—Parte de Fafe ás 3-25 da tarde e chega a Guimarães ás 4-21. Parte de Guimarães ás 4-31 e chega á Trofa ás 6-02.

N.º 8—Mixto—Mercadorias—Dias uteis—Parte de Fafe ás 5 da tarde e chega a Guimarães ás 5-55. Parte de Guimarães ás 6-13 e chega á Trofa ás 7-30.

N.º 10—Mixto—Domingos e dias santificados—Parte de Fafe ás 7-35 da tarde e chega a Guimarães ás 8-31. Parte de Guimarães ás 8-42 e chega á Trofa ás 10-4.

Comboios ascendentes

N.º 13—Mixto—Mercadorias—Dias uteis—Parte da Trofa ás 6-10 da manhã e chega a Guimarães ás 7-36. Parte de Guimarães ás 7-41 e chega a Fafe ás 8-39.

N.º 7—Mixto—Mercadorias—Parte da Trofa ás 7-40 da manhã e chega a Guimarães ás 9-21.

N.º 9—Mixto—Domingos e dias santificados—Parte da Trofa ás 8-4 da manhã e chega a Guimarães ás 9-26. Parte de Guimarães ás 9-31 e chega a Fafe ás 10-29.

N.º 1—Correio—Diario—Parte da Trofa á 9-20 da manhã e chega a Guimarães ás 10-55. Parte de Guimarães ás 11-03 e chega a Fafe ás 12.

N.º 3—Mixto—Mercadorias—Diario—Parte da Trofa á 1-1 da tarde e chega a Guimarães ás 2-37. Parte de Guimarães ás 3-7 e chega a Fafe ás 4-8.

N.º 11—Rapido—Dias uteis—Parte da Trofa ás 5-20 da tarde e chega a Guimarães ás 6-38.

N.º 5-bis—Mixto—Domingos e dias santificados—Parte da Trofa ás 7-22 da tarde e chega á Guimarães ás 8-41. Parte de Guimarães ás 8-46 e chega a Fafe ás 9-42.

N.º 5—Mixto—Mercadorias—Dias uteis—Parte da Trofa ás 7-35 da tarde e chega a Guimarães ás 9-10. Parte de Guimarães ás 9-18 e chega a Fafe ás 10-14.

Observações—Os comboios n.os 1, 2, 2-bis, 3, 4, 5, 6, 8, 10 e 13 têm paragem de 1 minuto em Espinho, Magdalena, Covas, Penha e Cepães, para serviço de passageiros. O comboio n.º 9 em Espinho, Magdalena, Covas e Cepães. O comboio n.º 5-bis em Covas e Cepães. Os comboios n.os 7 e 14 em Espinho, Magdalena e Covas.

Aos sabbados os comboios n.os 2-bis, 2 e 3 têm paragem de 1 minuto em Arcella para serviço de passageiros.

Annuncios

EDITAL

Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon, administrador do concelho de Guimarães, etc.

Faço saber que, sendo das attribuições dos administradores do concelho tomar as providencias necessarias para proteger a liberdade, propriedade e segurança dos habitantes do concelho na conformidade das disposições do n.º 16.º do art. 278.º do Codigo administrativo, e tendo de realisar-se nos dias 2, 3 e 4 de julho proximo a romaria de S. Torquato, havendo porisso uma excepcional agglomeração de trens e pessoas que naquelles dias transitam pela estrada que desta cidade segue para aquelle local; e tendo em vista o disposto no artigo 33.º do regulamento sobre automoveis de 3 de Outubro de 1901, fica prohibida a circulação destes vehiculos e motocyclos durante aquelles dias e na referida estrada em virtude da sua circulação poder occasionar graves desastres.

Os infractores desta determinação ficam incursos nas penalidades prescriptas nos artigos 46.º e 47.º do citado regulamento.

Administração do concelho de Guimarães, 21 de junho de 1909.

E eu, Manoel de Freitas Aguiar, secretario, o subscrevi.

Duarte Borges Pacheco Pereira de Bourbon.

Estabelecimento

—DE—

LANIFICIOS, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

DE

Jordão & Simões

Pra ça de D. Affonso Henriques, 1 a 6 — GUIMRÃES

Os proprietarios d'este estabelecimento, tendo introduzido n'elle grandes melhoramentos, chamam a attenção para um grande saldo de camisolas, atoalhados, colchas, casimiras, cheviotes, amazonas, phantasias, oxfords, etc., etc., cujos artigos são vendidos com grande abatimento.

Tambem chamam a attenção dos seus Ex.mos freguezes para o seu sortido completo em:

Casimiras.
Cheviotes.
Meltons.
Amazonas.
Phantasias para vestidos.
Armures.
Merinos.
Castorinas.
Estrekans para capas ou casacos de senhora.
Baetas.
Flanellas pretas e azues para fatos.
Morins.
Pannos-familias.
Flanellas.
Pannos crus.
Cotins.
Riscados.

Oxfords.
Zephyres.
Velludilhos.
Camisolas.
Colchas.
Atoalhados.
Cobertores.
Guarda-soes.
Lenços de sêda e de lã.
Lenços para bolso.
Chales.
Diversos artigos para forros, taes como: lusitanas, linetes, sargelins, crinolines, panninhos, etc., etc.
Diversas miudezas e muitos outros artigos impossiveis de enumerar.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Pharmacia Dias Machado

Rua da Rainha (junto á Misericordia)

GUIMARÃES

Serviço permanente

Oleina Fluida Analgesica

Menthol, Salicylato de Metayle fluido

Auctor e depositario -- Dias Machado

Remedio efficaz para a cura do defluxo, frieiras, eczemas e dores nevralgicas, sciaticas, rheumaticas, etc.

OFFICINA

E

Deposito de Calçado

—DE—

GABRIEL DE FARIA

Rua d'Alcobaça, 17

GUIMARÃES

Participa a todos os seus amigos e freguezes que, tendo mudado ultimamente o seu estabelecimento para a rua d'Alcobaça, espera dever-lhes a fineza d'uma visita pois alli encontrarão um variado sortido de calçado, tanto para homem, como para senhora e creança, garantindo a sua qualidade e segurança.

Tem sempre no seu estabelecimento os melhores cabedaes das fabricas nacionaes e extrangeiras.

Executam-se com promptidão grandes ou pequenas encommendas.

PREÇOS MODICOS.

Livraria

PAPELARIA E TABACARIA

—DE—

Francisco Joaquim de Freitas

TOURAL

Mercearia e confeitaria da Porta da Villa

A este antigo e acreditado estabelecimento, onde se encontra tudo o que ha de melhor no genero deste ramo de negocio, chegou um grande sortido do magnifico

Chá do Japão

de que fazem uso Suas Magestades os Reis de Portugal.

Chá do Japão, preto e verde, em latas de 125 grammas.

Vende-se na mercearia da PORTA DA VILLA

Instituto Hermano

GUIMARÃES

Admittem-se alumnos internos e externos.

Aulas no lyceu e explicações no instituto.

MANTEIGA pasteurisada da Companhia Agricola-Industrial d'Alemtem

LOUZADA

Vende-se nesta cidade, no estabelecimento de Francisco Joaquim de Freitas — Toural, 39, em boiões de louça fina ás 200 grammas, a 240 reis sem boião. Esta manteiga é confeccionada sob a intelligente direcção do snr. Dr. J. Hermano.

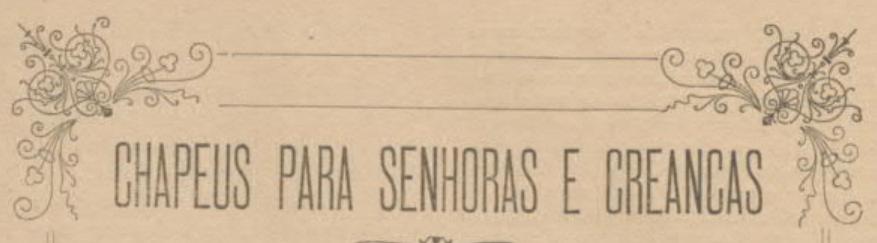
MANTEIGA

DE

Macieira de Cambra

A melhor e mais barata

Vende-se no Café e Ourivesaria Fernandes, á Porta da Villa.



CHAPEUS PARA SENHORAS E CREANCAS

ATELIER DA MODA

DE

Maria da Oliveira da Costa Roriz

RUA DOS TERCEIROS (S. FRANCISCO)

GUIMARÃES

Grande e variado sortido de chapeus, cascos e confecções, vindo das principaes casas do Porto e de Lisboa que se fornecem directamente de Paris.

Confeccionam-se chapeus pela ultima moda e modificam-se pelos ultimos figurinos.

Preços modicos

FABRICA A VAPOR

DE

PENTES E CUTELARIAS DE GUIMARÃES

DE

Costa, Lerdeira & C.ª

GUIMARÃES

Fabricação de pentes de chifre, galalith e celluloide para caspa e alisar, travessas e ganchos de celluloide para o cabello (fabricação privilegiada).

Cutelarias em todos os generos, nickelagem e muitos outros artigos da industria de Guimarães.

Escriptorio: Largo do Toural—Guimarães

O Regenerador

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$300 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs.
Semestre	650 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	40 „		

O Regenerador *Ao Ex.mo Snr.*

.....

.....